

Não se trata de prescrever um receituário de atitudes ou posturas, não se trata de reinventar a escola como se precisasse de elementos que ainda não figurassem no seu cotidiano.

Pelas escolas circulam inúmeras relações, professores e alunos, alunos e alunos, professores e professores (quaisquer que sejam as funções que ocupem). Pelas escolas interagem pessoas da comunidade com os serviços de apoio, facilitadores na compreensão do diálogo com o contexto ao redor da escola. Esse contexto sociocultural da comunidade está fora da Escola se esta não o considera, mas adentra a Escola, passa pelos portões, ocupa seu pátio e suas salas de aula através do elemento mais importante, no qual a função–Ensinar a Aprender deve acontecer com e pelo aluno, com e pelo professor.

A Escola precisa cada vez mais interagir com a comunidade.

Pelas escolas respiramos um ar que chamamos de conhecimento, de um saber do qual o professor é o orientador, como elemento do processo de aprendizagem. Mas o saber do aluno também possui respirabilidade, também é conhecimento. Assim também o conhecimento está nas entrelinhas do *saber lidar* com todos os elementos e do construir a prática educativa.

Não se trata de reinventar a Escola. Trata-se de considerar a reflexão na correlação desses elementos: as relações, o contexto sociocultural da comunidade, o conhecimento...

Trata-se de pensar e repensar as imagens do cotidiano escolar e torná-las nítidas e compreendidas, reveladas e sensatas, configurando

melhor, com a ação (resultado desta reflexividade), o contexto social e cultural que precisamos reconstruir.

Precisamos da Reflexão como base da aprendizagem do aluno, mas também do o Professor e da Escola.

## **1 - O PROFESSOR APRENDENTE**

"Numa cultura do pensar em comunidade, o bom e o bem pensar estão em todo lugar, por isso todos estão se esforçando para serem críticos, criativos e criteriosos, tendo neste comportamento, forte apoio do ambiente da aprendizagem".

Wonsovicz (1998, p. 2)

Alguns autores consideram a Escola como um "organismo vivo" capaz de aprender a pensar-se e a construir-se.

Optamos por pensar a Escola como um "espaço de relações sociais", acreditando seja, assim, mais significativa a capacidade de aprender a pensar a si própria e a construir sua identidade.

A visão orgânica da Escola muitas vezes reforça papéis imaginários definidos, o que impossibilita uma reflexão sobre estes.

Por outro lado, a visão da Escola, como espaço de relações sociais pode ser considerada menos abstrata com a efetiva participação de seus membros, e mais concreta na compreensão da subjetividade das pessoas dessas relações, que constroem o significado de Escola.

Esse processo de compreensão das relações sociais torna significativos os objetivos educacionais que a Escola dinamiza, e ressignifica no seu papel, coerente ao tempo e ao espaço de sua realidade.

Ora, nesta Escola que se define a partir da compreensão das relações, entendemos que estas não são predeterminadas pelo conservadorismo da organização que dispõe sobre o desempenho de seus papéis: o aluno é quem aprende, o professor é quem ensina, o coordenador é quem coordena, o orientador é quem orienta, etc.. Assim, abrimos um espaço necessário à Escola, que se pretende reflexiva, onde todos os seus membros são "aprendentes".

Alarcão (2001, p. 28), colocando a Escola Reflexiva no enquadramento dos novos paradigmas organizacionais, afirma que "o desenvolvimento científico dos conhecimentos sobre gestão permitiu sistematizar um

conjunto de características próprias de uma organização dinâmica, aberta, flexível, e aprendente”.

Considerando a participação dos professores, a Escola que reflete sobre si coloca em destaque a relevância das pessoas como principal elemento na resignação do seu papel social e educacional.

Respaldamos a imagem do “professor aprendente” no movimento do “professor reflexivo”. Este surgiu no final dos anos 70 e emergiu nas reformas educativas da década de 80, que apontaram para a formação e a profissionalização dos professores.

Dessa forma, a formação continuada do professor e o espaço de reflexividade compartilhada, garantidos na organização da nova Escola que desejamos reflexiva, colocam as pessoas que interagem nas relações sociais da Escola como “aprendentes” na construção dos caminhos necessários à qualidade de Educação pretendida.

Da reflexão individual da prática do professor, passando pela importância da subjetividade, ou seja, da relação entre sujeito e saber como evidência de maior eficácia nas reflexões quando realizadas em grupo, até o convite da construção de espaços onde ocorram a reflexividade compartilhada, acreditamos na aprendizagem da profissionalização como relações na construção da nova Escola Emancipatória, de Qualidade e Reflexiva.

## **ESPAÇO DE REFLEXÃO: “Caminhos do coração”**

### ***Estratégia***

Criar um espaço que motive uma discussão quanto às ações necessárias a uma maior eficácia nas reflexões e nas tomadas de decisões.

Organizar um painel de gravuras de revistas com paisagens e lugares que dêem prazer e desejo de serem visitados.

Iniciar a reunião com a música “Caminhos do coração”, do Gonzaguinha.

### ***Desenvolvimento***

1 - Cada professor deverá escolher uma figura no mural e tirá-la para si – pode ser na ordem de participação na interpretação da mensagem da letra da canção, desde que a não saibam anteriormente.

No verso das figuras estarão algumas inscrições com o objetivo de dividir o grupo de professores em pequenas equipes.

## 2 - Reflexividade Compartilhada

De acordo com a divisão pela inscrição, os grupos deverão discutir perguntas para apresentar sugestões em plenária. Sugestões de questionamentos nas inscrições:

Grupo A – Meio do Caminho A nossa Escola é um espaço de relações?

Grupo B – Início do Caminho Como vivenciamos o sentido de grupo?

Grupo C – Fim da Caminhada A subjetividade têm construído nossa escola?

Grupo D – Outro Caminho Ações necessárias para a Escola que queremos construir. Grupo E – Único Caminho Como construir uma Escola Reflexiva?:

Cada grupo deverá colocar na plenária as suas respostas.

## 3 - Ação Compartilhada

Como grupo de profissionais que sabem da importância do seu papel na sociedade, que sabem da sua importância como liderança diante dos alunos e da comunidade, como nós nos olhamos?

Sabemos que somente tendo uma postura reflexiva em nossas ações, em nosso fazer pedagógico é que nosso trabalho será mais prazeroso, responsável e de engajamento. Por conseqüência nossos alunos irão ser mais felizes, pois estarão recebendo informações, conteúdos, posturas sinceras.

### **Avaliação – Ação**

Vamos, como grupo de profissionais, procurar durante as próximas semanas agir dentro dessa perspectiva. Ao final deste tempo, iremos relatar para os demais colegas o que percebemos em nós e também em nossos alunos.

## 2 - O PROFESSOR APRENDENTE E REFLEXIVO

Como afirma Santiago (2001, p. 38), "as organizações educativas são por excelência, sistemas de aprendizagem organizacional, se atendem à classificação e autonomia dos seus profissionais, à sua ligação permanentemente ao conhecimento, à centralidade das relações interpessoais e intergrupais nos seus processos de trabalho e às finalidades educativas e sociais que estão na base da sua legitimação pela sociedade".

Torna-se pertinente que façamos referência ao pensamento pragmático-reconstrucionista de Zeichner, um dos muitos pesquisadores das concepções atuais sobre formação de professores, que situa a perspectiva de reflexão na prática um passo para a reconstrução social, portanto entende o ensino como atividade crítica diante do caráter transformador da educação, tendo em vista uma nova ordem social. Nessa perspectiva, o ensino crítico tem uma orientação eminentemente ética, portanto intencional, que precisa ser refletida na prática docente, de modo que compreenda não apenas as características do processo de ensino-aprendizagem mas as do contexto social em que ele acontece". (LIBÂNEO).

Pensar sobre a função social da Educação nos coloca diante da interação entre os professores estimulando uma reflexão sobre a realidade sociocultural e educativa.

Becker, em seu livro *Epistemologia do Professor*, define o pensamento reflexivo como abstração reflexionante que se tornou objeto de tomada de consciência. Podemos considerar o resultado desse pensamento como aprendizagem, e esta aprendizagem como facilitadora na busca de caminhos para o saber fazer, cerne da profissionalização (BECKER, 1993, p. 24).

A importância deste resultado na formação continuada do profissional da Educação, como professor aprendente e reflexivo, está na legitimação do saber do professor, reconhecendo que este saber não é propriedade dos centros universitários ou dos especialistas.

O cotidiano escolar é formado por saberes que carregam elementos que podem ser codificados e formalizados, daí a importância de o professor aprendente e reflexivo "se ver como produtor de seu processo como sujeito que busca formas de legitimar o seu saber [...] como uso

de si pelo próprio professor" (VALADARES, 2002, p. 198).

Refutamos a suspeita de que o professor da Universidade fala sobre o professor em geral porque este "não tem capacidade de fazer discursos [...] não pode refletir sobre sua própria prática, porque não tem tempo, não tem recursos, até porque, para sua saúde mental, é melhor que não reflita muito [...]" (SACRISTÁN).

Acreditamos que os professores ocupam nos currículos escolares espaços mais amplos que os de simples executores. Ao contrário, considerar o professor como centro na elaboração, interpretação e replanejamento dos currículos significa a valorização de seus saberes, de sua formação inicial, da importância de sua formação continuada, bem como de sua subjetividade, garantindo a compreensão do seu fazer, que reflete seu sentir, seus valores, suas crenças e a teoria que sustenta sua prática, ou que se origina desta.

Cada vez mais se torna necessário que se compreenda "o exercício da docência, os processos de construção da identidade docente, de sua profissionalidade, o desenvolvimento da profissionalização, as condições em que trabalham, de status e de liderança", defende Pimenta (2002, p. 36), sugerindo o uso da nomenclatura de intelectuais críticos e reflexivos, procurando evitar que o conceito de professor reflexivo se transforme em um mero termo.

Alertamos que a seriedade da proposta não se encontra na nomenclatura usada, mas na dimensão política em que as práticas reflexivas coletivas (ou reflexividades compartilhadas) aconteçam, bem como a qualidade social e pedagógica dos caminhos aprendidos nessas ações para melhoria da Educação Brasileira.

## **ESPAÇO DE REFLEXÃO: "Reflexão na prática para a reconstrução social"**

### ***Estratégia***

Apresentar em projeção de transparências coloridas a mensagem das ilustrações, sem texto, do livro *O Criador*, de Samírames Paterno.

### ***Desenvolvimento***

1 - Durante a projeção das imagens, uma a uma, os professores deverão escrever legendas pertinentes às imagens.

Ao término da tarefa, o grupo deverá colocar em comum as produções dos textos. Poderá ser feito em pequenos grupos antes da apresentação final.

## 2 - Reflexividade Compartilhada

– O homem é co-responsável pela reconstrução da sociedade, pela Educação. Acreditamos na construção da Escola Emancipatória? Acreditamos na Educação transformadora pelo comprometimento do professor?

– Como está sendo nossa inserção na vida da escola? Participo da vida escolar "vestindo a camisa", ou simplesmente sou um funcionário?

## 3 - Ação Compartilhada

Dentro dos nossos sonhos de educadores, quais seriam as iniciativas que eu gostaria de poder executar em meu ambiente de trabalho?

Poderíamos, como grupo de profissionais que querem ser reflexivos em suas ações pedagógicas, levantar um rol de mudanças que achamos necessárias para que o ambiente escolar possa melhorar. Essas mudanças poderiam ser desde a parte física da escola, organizacional, estrutural, humana...

## ***Avaliação – Ação***

Apresentar para a Direção sugestões para a realização das propostas e traçar ações que as viabilizem.

### 3 - A REFLEXÃO COMO APRENDIZAGEM

"[...] a luz e o soberano da luz, que no mundo inteligível, ela própria é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e que é preciso vê-la para conduzir-se com sabedoria na vida particular e na vida pública."

Platão (1973, p. 109)

Platão, em sua obra *A República*, ilustra seu pensamento com o famoso "mito da caverna". A análise desse mito pode ser feita sob muitos aspectos. Vamos pensá-lo sob dois modos: o relativo ao conhecimento e o político. No primeiro aspecto, as sombras projetadas no fundo da caverna são sombras do que acontece, refletido sob a luz de uma fogueira. Se um dos homens mantidos nessa posição conseguisse contemplar, à luz do sol, os verdadeiros objetos, dar-se-ia o conhecimento, a partir do qual o homem não mais aceitaria a imagem das sombras, mesmo que retornasse ao interior da caverna.

A segunda dimensão desse mito trata da necessidade da ação política da transformação dos homens para o convencimento de que permaneçam na luz.

Ao lançar mão desse mito, pretendemos apontar os mesmos aspectos na reflexão como aprendizagem, confirmando o quanto há de aprendizagem na reflexão.

Sugerimos a Reflexão na flexibilização entre os saberes do professor e os saberes trazidos pelos alunos, na construção de uma Escola transformada em suas funções educacionais, sociais e políticas, cuja aprendizagem imprimirá qualidade ao conhecimento produzido na escola, desvendando as sombras que existem no cotidiano do insucesso escolar.

A reflexão desvenda o desconhecido. E o resultado do pensar sobre a prática, sobre as relações, sobre a teoria e sobre o que se esconde na ação reprodutora do ensino, é fonte do conhecimento do contexto no qual deverão ser implementadas as dimensões políticas e pedagógicas do projeto curricular da escola.

A dimensão política do projeto curricular implica delinear o seu sentido, os seus rumos, a sua abrangência e as perspectivas de sua atuação. Não existe projeto curricular neutro, uma vez que, propondo diretrizes de ações educativas que afetarão pessoas, estabe-

lece o sentido sociopolítico "evidenciado pelo compromisso efetivo com a transformação da realidade, o que se manifesta pela determinação de ações objetivas e factíveis para tornar concretas situações vislumbradas no plano de idéias", desvendadas pela reflexão (LÜCK, 1991, p. 63).

A dimensão pedagógica do projeto curricular "reside na intencionalidade da escola [...] e a dimensão pedagógica da escola reflexiva e emancipatória está na formação continuada do professor que se realiza no *locus* de trabalho" (BRZEZINSKI, 2001, p. 78).

Schön, ao formular o conceito de professor reflexivo, propôs uma considerável reformulação nos currículos dos cursos de Formação de Professores. Com essa realização, pretendeu valorizar a prática reflexiva na formação dos professores que lhes propicie o desenvolvimento da capacidade de refletir. Dessa forma, apontou para a relevância da produção do saber docente a partir da reflexividade da prática.

Consideramos essa proposta o grande marco da Reflexão como Aprendizagem, fortalecendo o movimento que nos anos 90 do século XX engendrou no cenário educacional a expressão "professor reflexivo".

Desde então, o conceito foi sofrendo críticas, inferências e formulações de propostas mais amplas ao seu significado e abrangência.

Uma das primeiras ampliações desse significado referiu-se a uma prática profissional reflexiva na própria Escola como espaço de formação continuada do professor, que se torna também um "aprendente" da própria prática.

A aprendizagem desse conhecimento na ação, indicado por Pimenta (2002, p. 20-21), como "o conhecimento tácito, implícito, interiorizado, que está na ação é que, portanto, não a precede", só acontece através da Reflexão.

## **ESPAÇO DE REFLEXÃO: "A escolha dos caminhos depende do lugar almejado"**

### ***Estratégia***

Leitura e interpretação com a equipe de Professores do texto "O irônico sorriso do gato", publicado na Revista Educação, em novembro de 2002, na coluna "Panorâmica", escrita por Mário Sérgio Cortella.

## ***Desenvolvimento***

1 - Debater as principais idéias do texto

– A utilização de recursos e ferramentas para o trabalho pedagógico não garante a qualidade do Ensino.

– O tratamento intencional dado aos conteúdos indica para onde se quer levar a Escola.

2 - Reflexividade Compartilhada

Correlacionar o pensamento à prática educativa: "quando você aponta a Lua bela e brilhante, o tolo olha atentamente a ponta do seu dedo".

No encontro de Alice com o gato, o autor da história deixa a mensagem da reflexão necessária ao Educador: mergulhar dentro de si mesmo e pensar no sorriso irônico do gato a dizer: "Para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve". Qual a relevância desta reflexão junto ao corpo docente da escola de Educação para o Pensar.

3 - Ação Compartilhada

Um grupo cresce na medida em que cada membro dele cresce. Como estou crescendo dentro do meu grupo?

Tenho contribuído para que outros que estão nesse processo de reflexão, em um estágio mais elevado que o meu, continuem a ajudar os demais? Ou minha atitude é de atrapalhar, de deixar os outros desestabilizados?

Tenho colaborado para encontrar caminhos na certeza de onde queremos chegar? Ou permaneço acomodado seguindo caminhos apontados sem refletir sobre aonde me levam?

## ***Avaliação – Ação***

Poderíamos, como grupo de educadores, socializar nossos saberes em nossas disciplinas e produzir um debate sobre a reflexividade em cada disciplina. Também poderíamos abrir para a discussão sobre a relevância ou não de diversos conteúdos que estão estipulados e que devemos cumprir em nosso dia-a-dia.

## 4 - REFLETIR: UM PENSAMENTO DE QUALIDADE

Perrenoud, ao elencar as novas competências para ensinar, citou saberes a serem desenvolvidos, dos quais optamos por destacar três competências a serem priorizadas como síntese das demais: enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; trabalhar em equipe; e administrar sua própria formação continuada.

A consciência da importância do desenvolvimento dessas competências subentende a reflexividade compartilhada e facilita o processo de internalização do aprender a aprender, como parte do aprender a pensar, que desenvolve a autonomia de pensamento, não na forma mecanizada do aprender, mas na reflexão e na opção por recursos próprios para uma formação continuada, fomentando o trabalho em equipe para enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.

Pimenta (2002, p. 24) chama a atenção para o fato de que "só a reflexão não basta, é necessário que o professor seja capaz de tomar posições concretas a partir da reflexividade compartilhada, na escola, principalmente evitando a banalização da perspectiva da reflexão". A autora destaca ainda que "o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação [...], pois dota os sujeitos de vários pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios, como profissionais".

A mais significativa das ampliações do conceito de professor reflexivo, valorizando a Reflexão como Aprendizagem, em que os professores ensinam e aprendem, é a Escola Reflexiva publicada em Alarcão (2001). Esta Escola em permanente formação organiza projetos e busca condições para qualificar seus profissionais. É identificada como a organização que continuamente reflete o seu papel, a sua missão social e a sua estrutura; sendo assim, organiza-se no processo educacional de atividades simultaneamente avaliativas e formativas.

Entre os paradigmas reflexivos apresentados por Matthew Lipman, no livro *O Pensar na Educação*, consideramos importante destacar a suposição de que o enfoque do processo educativo não é a aquisição de informações, mas sim a percepção das relações contidas nos temas investigados no pensar sobre o mundo, e também "o

objetivo do processo educativo é o de ajudar-nos a formar melhores julgamentos, a fim de que possamos modificar nossas vidas de maneira mais criteriosa [...] é um meio de melhorar a qualidade de vida" (LIPMAN, 1999, p. 37).

Portanto, se pensar no processo educativo é considerado relevante, o projeto curricular não pode ser construído de forma inflexível e pre-determinada, pois isso impossibilita o pensar

O projeto curricular precisa favorecer os resultados do pensamento de qualidade, necessário ao processo educativo da Escola. Esse pensamento de qualidade deve estar presente, por primeiro, nas relações entre os professores, no momento de construção ou elaboração desse projeto curricular.

Lipman (1999, p. 38) indica este pensamento de qualidade como "a fusão dos pensamentos crítico e criativo".

O Pensar Crítico compreende o raciocínio sensível ao contexto e o Pensar Criativo compreende a habilidade e o talento de transcender a si mesmo. A capacidade de raciocínio desenvolve a instrução multicultural; já a criatividade se concentra na orientação de práticas inovadoras como resultados significativos no contexto.

Concordamos que os conhecimentos dos alunos têm se mostrado muito deficientes. Esses conhecimentos são sustentados de maneira quase totalmente acrítica, e o pouco sobre o qual refletem acontece de forma destituída de imaginação. Precisamos que a Escola propicie situações aos alunos nas quais possam aprender a utilizar os conhecimentos que já possuem, relacionar esses conhecimentos aos novos de maneira sistemática e reflexiva, e avaliar suas conclusões.

À medida que o projeto curricular ofereça situações favoráveis a essa reflexão e não seja um guia detalhado de antemão para execução dos professores, entendemos que a organização da escola deva favorecer os espaços reflexivos de construção desse projeto. Confirmamos que o professor que pensa com qualidade leva o aluno a pensar com qualidade. O pensamento de qualidade envolve o Pensar Crítico e o Pensar Criativo.

A crescente profissionalização do professor precisa, então, incluir o desenvolvimento desse pensamento de qualidade, e apontamos o espaço de construção do projeto curricular da Escola como o ambiente favorável da Reflexão como Aprendizagem

## **ESPAÇO DE REFLEXÃO: "A águia e a galinha, desafio maior"**

### ***Estratégia***

Contar a história da Águia e da Galinha.

"Era uma vez uma águia que vivia em um quintal. Fora criada desde muito pequena, entre as galinhas. Ciscava como galinha, comia como galinha, vivia como uma galinha. Um dia, apareceu na casa um naturalista que, estudioso, sabia tudo sobre águias. Visitando com o fazendeiro o seu quintal e observando as aves, descobriu que era uma águia a suposta galinha. Afirmou o fato ao amigo, que, mesmo concordando, duvidou que a essência de águia pudesse ainda despertar – tão adormecida que permanecia em forma de galinha.

O naturalista não se conformou com o fato e iniciou um processo de ajuda e resgate da identidade da ave de rapina. Tentou todos os processos, no entanto a águia não alcançava suas possibilidades. Numa última tentativa, o homem colocou a águia num saco e subiu com ela um monte repetindo sempre:

– Você não é galinha, é uma águia, nasceu para alçar altos vôos e ganhar a imensidão do infinito.

Chegando ao alto, retirou da sacola a águia-galinha e, voltando seus olhos para a luz do Sol (ele era um conhecedor), disse à ave:

– Você é uma águia. Erga-se sobre si mesma e ganhe as alturas.

Águia, voe!

Ziguezagueando no começo, firmando-se depois, a águia voou para o alto, sempre para mais alto, para mais alto ainda, até desaparecer no último horizonte". (história contada e recontada por diferentes educadores.)

### ***Desenvolvimento***

1 - Debater a história e aproveitá-la conforme os vôos da Equipe de sua Escola. Reflita com pensamentos críticos e criativos.

Podemos dar prosseguimento ao tema

Sugerimos a leitura do capítulo quatro – "A águia cativa e libertada", do livro de Leonardo Boff, "A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana".

Sugerimos também que assista ao filme *Fernão Capelo Gaivota*.

## 2 - Reflexividade Compartilhada

"Uma águia nunca vive só [...] O ser humano-águia é como um anjo que caiu de seu mundo angelical. Ao cair, perdeu uma de suas asas. Com uma só asa não pode mais voar. Para voar tem de abraçar-se a outro anjo que também caiu e perdeu uma asa [...] Percebem que podem ajudar-se mutuamente. Para isso, devem se abraçar e completar suas asas. E só assim, abraçados e juntos, com a asa de um e de outro, podem voar. Voar alto rumo ao infinito do desejo." (BOOF, Leonardo. Cap. 5 – A águia e a galinha).

Precisamos criar laços em nossas relações interpessoais no cotidiano escolar. Esforcemo-nos por fortalecer um clima de cumplicidade na busca da realização do projeto filosóficopedagógico da Escola.

## 3 - Ação Compartilhada

Precisamos, como educadores reflexivos, ampliar nossos horizontes e também nossas ações entre os educandos e juntos aos nossos colegas de profissão. Uma boa maneira é vermos em que pé estamos e nos questionarmos constantemente. Por isso:

– Como estou sendo educador comprometido com a Equipe em minha escola?

– De que forma vejo meus alunos? Como seres em construção? Como seres incapazes de pensar? Como pessoas que crescem por si só com o entendimento dos meus conteúdos ou de outra maneira?

### ***Avaliação – Ação***

Uma boa atividade seria organizarmos com os nossos alunos, não importando a faixa etária, uma discussão sobre o que é ser reflexivo e o que é ser educando feliz. Com certeza, o resultado dessa atividade poderá trazer boas surpresas para todos.